Ensino de História: Teoria e Prática - 2009
Profª Antonia Terra
Aluna: Rosa Rosa de Souza Rosa Gomes
Nº USP 5937543

OBJETIVO: Estudar a história do futebol, compreendendo esse esporte em seu contexto social e desconstruir a idéia de Brasil "país do futebol"

1. A análise da foto do time que fundou o Cruzeiro nas primeiras décadas do século XX: (todos de terno uns sentados outros em é, mas não na posição de foto tradicional para times de futebol)

iniciar com a descrição da fotografia e a partir dela, fazer as perguntas abaixo:

- Quem são essas pessoas?
- O que elas fazem?
- Por que estão juntas nesse lugar?
- Que lugar é esse?
- Que época é essa?
- O que o fotógrafo queria retratar?

Com essas perguntas podemos ir construindo uma imagem sobre a fotografia.

A atividade continua, partindo para outra fotografia: o time do Vasco, campeão de 1923 com um time formado por maioria negra, sendo este motivo para muitos conflitos. Seu uniforme lembra o de marinheiros (lembrando a origem em um clube de regatas), há maior nº de negros, quando comparado a outras fotos (a qualidade da imagem está ruim, talvez não seja possível ver).

Após a descrição, fazer as mesmas perguntas anteriores. (Dessa vez, a formação é de um time de futebol, não como estamos costumados a ver hoje, mas é possível identificar. A foto nos ajuda a perceber a historicidade do próprio esporte na sua materialidade, com a mudança nos uniformes: no começo do século XX, o padrão não era tão visível – sendo possível a comparação com a foto do time Ferroviária de 1930; além de partes hoje não mais existentes, como as toucas que aparecem nessa mesma foto.)[1]

Confrontar as duas imagens, questionando:

- Qual a ligação entre elas?
- Por que mostrá-las nessa seqüência?
- Qual deve ser a mais antiga? Há uma diferença grande de época?

A partir das respostas e questões levantadas pelas crianças, apresentar a transformação do futebol de um jogo de elites para um jogo popular. Colocando o confronto entre o amadorismo e o profissionalismo e as imbricações sociais dentro dessa disputa. Os textos abaixo deve ser analisado com os alunos, buscando suas proposições e relacionando-as com as análises feitas das fotografias.

[1] As fotos podem ser vistas no final do trabalho

Do futebol brasileiro como passatempo de poucos e como esporte da elite, já falamos. Basta acrescentar que o homem do povo não teve acesso a ele nessa primeira infância. Embora um ou outro pobre, um ou outro negro, moços que de forma alguma poderiam freqüentar um São Paulo, um Fluminense, pouco a pouco fosse conquistando seu lugar nos clubes de primeira divisão, era forte a oposição que se fazia a eles. O futebol era declaradamente racista. Em 1921, por exemplo, ninguém menos que o presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que não se incluíssem mulatos na seleção brasileira que iria a Buenos Aires para o Campeonato Sul-Americano. Era preciso projetar outra imagem nossa no exterior, alegava o alto mandatário. Uma delegação de futebol não deixava de representar o país. E era absolutamente imperioso que o país fosse representado por sua "melhor sociedade". Uma recomendação que deixava ainda mais indignado o romancista Lima Barreto, o mulato de Todos os Santos que um ano antes, justamente pelo caráter discriminatório do esporte, fundara no Rio a Liga Contra o Futebol. Opunha-se, evidentemente, ao acadêmico Coelho Neto, homem do aristocrático Fluminense, cujos filhos eram craques do clube (um deles, Preguinho, ainda chegaria à seleção brasileira e marcaria nosso primeiro gol numa Copa do Mundo). Para Coelho Neto, o futebol era um magnífico forjador de caráter. Em suma, um passatempo de poucos, um esporte de elite.

João Máximo. Memórias do futebol brasileiro. **Estud. av. vol.13 no.37 São Paulo Sept./Dec. 1999**

Pode-se realizar uma atividade, dividindo a sala em grupos e dando um dentre os quatro trechos abaixo para discussão, partindo da análise feita com a classe toda.

TRECHO 1 – *Durante a República Velha (1889-1930), no momento de intensificação das relações capitalistas, as cidades – verdadeiros centros amplificadores de tensões – promoviam um indesejável compartilhamento de espaços públicos. Elas se transformavam em palcos de manifestações políticas e culturais inconvenientes das camadas médias, do proletariado e dos demais setores subalternos. Nos grandes centros, o controle sobre o reduzido eleitorado não era tão eficiente quanto aquele obtido no meio rural, sob a égide do coronelismo. As demandas sociais, abafadas pela estrutura política da República, encontravam nas cidades ambiente para sua expansão e proliferação. A entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas amadoras insere-se no rol dessas demandas. Na verdade, ela significou a participação de setores subalternos num espaço reservado às elites brasileiras. De certo modo, pode-se pensar que o futebol tornou-se um dos primeiros e mais significativos exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais.*

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 65 e 66

TRECHO 2 – [...] *em 1914, quando o Paysandu, um dos fundadores da liga, foi rebaixado para a segunda divisão. Uma virada de mesa não apenas manteve o clube, como também alterou o regulamento do campeonato. A partir de então, o último colocado da primeira divisão enfrentaria o campeão da divisão inferior e o resultado da partida selaria a sorte das agremiações. Ainda nesse ano, o jogador Carlos Alberto, do Fluminense, entraria para a história do futebol, devido a um episódio pleno de*

significados. No dia 13 de maio (por ironia histórica data comemorativa do fim da escravidão), num jogo contra o América, procurando branquear sua pele negra Carlos Alberto cobriu o rosto com pó-de-arroz. A torcida contrária não perdoou e apupava-o com os gritos "É pó-de-arroz!".A expressão foi incorporada pela torcida tricolor carioca, mas os negros continuaram a ser presença incômoda nos campos de futebol.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 68

TRECHO 3 – *Ao longo da década de 1920, e de outra perspectiva, críticas freqüentes foram deferidas por muitas das lideranças do movimento operário. Classificado como esporte burguês a serviço da dominação de classe e da desarticulação do proletariado, o futebol seria mais um produto da sociedade capitalista a ser combatido. Apesar dessa dura avaliação, sindicatos ligados a anarquistas, socialistas e comunistas chegaram a promover partidas e a organizar times exclusivamente de operários, como forma de inserção cotidiana capaz de aglutinar e mobilizar os trabalhadores.*

As críticas revelam que o futebol já se tornara o esporte mais difundido no Brasil em todos os segmentos sociais. Ademais elas sintetizam as mais importantes questões e contradições brasileiras, presentes no futebol por este ser verdadeiro microcosmo da sociedade, ao mesmo tempo espelho e ingrediente dinâmico das transformações em curso nos tumultuados anos 1920. O problema da nacionalidade, potencializada pelas comemorações do centenário da Independência, em 1922, dividia a elite do país. As divergências entre as oligarquias regionais tornaram-se mais intensas e as disputas eleitorais mais acirradas. As grandes cidades eram assoladas por manifestações operárias e viraram palco de campanhas e revoltas pela instauração do voto secreto e pelo fim da política oligárquica.

As medidas para o branqueamento da sociedade brasileira, iniciadas na segunda metade do século XIX, haviam transformado o Centro-Sul em um mosaico de colônias de imigrantes europeus.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 70

TRECHO 4 – *No Brasil, estranho que pareça, o avanço profissionalista teve como causa uma idéia conservadora. Os clubes que perdiam campeonatos por se negarem a ter em seus times jogadores negros (e seus times eram formados obrigatoriamente por sócios-atletas, com direito a freqüentar as sedes sociais) decidiram decretar o novo regime. Assim poderiam arregimentar jogadores de qualquer raça ou condição social, contratados como empregados sem precisarem macular seu quadro social.*

João Máximo. Memórias do futebol brasileiro. **Estud. av. vol.13 no.37 São Paulo Sept./Dec. 1999**

2. Seguir, então para a Copa de 1950, mostrando-a como marco – momento através do qual o sofrimento faz do futebol a paixão nacional; quase um momento de ressurgimento de uma nação.

Discussão do curta-metragem "Barbosa" de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo. Este mostra a euforia do Brasil na final e a frustração de um brasileiro, que mesmo mais

velho não consegue lidar com a derrota. Demonstra bem a importância que aquela copa teve para a memória coletiva.

http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=150#

Acho importante colocar que a seleção não tinha grande expressão no esporte até então e a primeira copa a ser vencida foi em 1958. Para colocar o problema, pode analisar o gráfico "O Brasil na Copa do Mundo", tirado do livro "Breve História do Futebol Brasileiro" de José Sebastião Witter.[2]

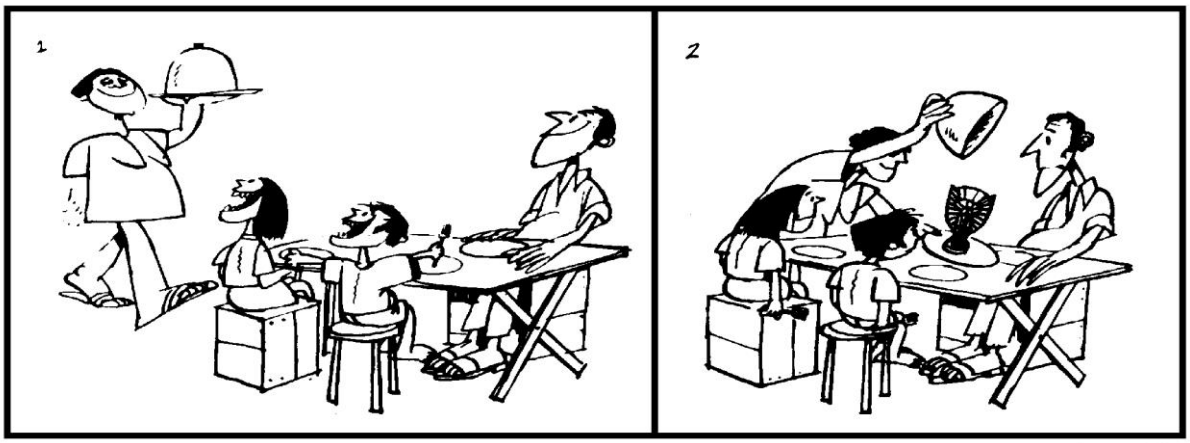
3. Outro marco: Copa 1970 como ápice da utilização do futebol pelo Estado como forma de promoção da ditadura.

Analisar o vídeo do Youtube: "Pelé visita o presidente Médici" e a charge do Almanaque do Ziraldo.

Transcrição do vídeo: "O palácio do planalto vive um dia diferente/ O maior atleta mundial do futebol/ Pelé/ é recebido pelo presidente Médici que também é um entusiasta desse esporte/ com afabilidade o presidente palestra com Pelé/ colhendo impressões do craque de sua fabulosa carreira em disputas nacionais e internacionais até a proeza do seu milésimo gol/ Pelé desperta grande curiosidade entre as pessoas presentes."

Como antes, partir da descrição do vídeo e, se preciso, passá-lo mais de uma vez. (Há um narrador, com voz de radialista, que fala durante toda a cena, Pelé aparece cumprimentando presidente no meio de inúmeras pessoas.) Questionar:

- Qual o período em que ocorre o vídeo?
- Qual o significado de um presidente recebendo um atleta no Palácio do Planalto?
- Qual a importância do episódio na época?
- O que se pode perceber dos gestos mostrados?
- Qual a impressão trazida pela voz de um radialista?



Almanaque do Ziraldo

Realizar o mesmo procedimento com a Charge, mudando as perguntas.

[2] Em anexo.

- Quem é o autor? Conhecem algo sobre ele? A sua importância, de onde é?
- O que ocorre no primeiro quadrinho?
- Qual a reação das personagens? O que eles olham? O que desejam?
- No segundo quadrinho, qual a expressão das personagens?
- Por que suas faces mudaram? Como mudaram?
- Observando o conjunto, o que podemos deduzir? O que o autor está tentando dizer?
- O autor critica algo? O que ele critica?

Esses dois materiais podem ser muito explorados para a significação da Copa de 1970 e os marcos políticos e sociais colocados então. Para explicitação, caso necessário, ou realização de discussões em grupo, separei os trechos abaixo:

TRECHO 1: *Ao regime era fundamental conquistar o título para sua legitimação diante da sociedade brasileira, o que, aliás, já estava em curso graças aos resultados positivos do chamado "milagre econômico" e à censura à oposição. Assim, a comissão técnica foi militarizada* [...] *O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado* [...]

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp. 142

TRECHO 2 - *A Copa do Mundo de 1970 demarcou a história do futebol graças aos lançamentos de Gerson, aos chutes de Rivelino, à inteligência tática de Tostão, às arrancadas de Jairzinho, aos gols e quase gols de Pelé, ao ritmo ruidoso de um futebol elevado à categoria de arte, ainda que proveniente de um país* <u>*rebaixado à condição de ditadura militar*</u> (grifo meu). *Tudo difundido pela televisão em transmissão ao vivo (inclusive para o Brasil) e pela primeira vez a cores (mas ainda não para o país campeão) fazendo com que, a partir de então, gestos, dribles, comemorações, feições e expressões de jogadores passassem a ser espetáculo mundial imortalizado, reproduzido e idolatrado em escala nunca vista. Pelé foi definitivamente ungido como rei do futebol. Sua marca de mil gols – alcançada meses antes, em 19 de novembro de 1969 – tornou-se a demonstração quantitativa de uma superioridade indispensável a toda sociedade tecnológica.*

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp. 143

TRECHO 3 – A *propaganda embalou a seleção desde sua partida para o México. A marchinha "Pra frente, Brasil" era tocada nas rádios, nos programas de televisão, nos desfiles militares e nas escolas. Os cartazes de propaganda do regime confundiam-se com sucesso do escrete nacional. Na Semana da Pátria o slogan era "Ninguém mais segura este país". Nas repartições públicas, "Ontem, hoje, sempre, Brasil". Nos intervalos comerciais das emissoras de rádio e televisão, "Até 1964 o Brasil era apenas o país do futuro. E então o futuro chegou." Nos automóveis, adesivos estampavam uma pequena bandeira nacional com os dizeres "Brasil, ame-o ou deixe-o". Além do tradicional desfile em carro aberto pelas ruas das grandes capitais, com jogadores segurando a taça, o governo patrocinou a exibição pública do troféu, para alegria do povo brasileiro. Antes mesmo da conquista, o presidente Médici, sem farda de general, aparecia sorridente em fotos cabeceando uma bola.* <u>*O álbum de figurinhas da Copa, com a foto dos heróis do tricampeonato, tinha como primeira estampa uma*</u>

grande imagem do próprio presidente. Era a pátria de chuteiras e de boina militar.(grifo meu)

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 145 e 146

4. No final da década de 1970 e início da década de 1980, o mesmo futebol, usado para reforçar, o governo militar transforma-se em meio de contestação do regime. Para discussão do assunto sugiro análise, coletiva, dos trechos abaixo. Seguida de divisão em grupos para análise de três fotos: Torcida da Gaviões da Fiel, Capa da Revista Placar com jogador Wladimir e "Ganhar ou perder sempre com democracia"

TRECHO 1 – Com o aumento crescente de participantes a cada edição, para ampliar o espaço político do regime, o campeonato brasileiro chegou a reunir 94 clubes em 1979, consagrando a máxima *"Onde a Arena vai mal, mais um clube no nacional".*(grifo meu)

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp150

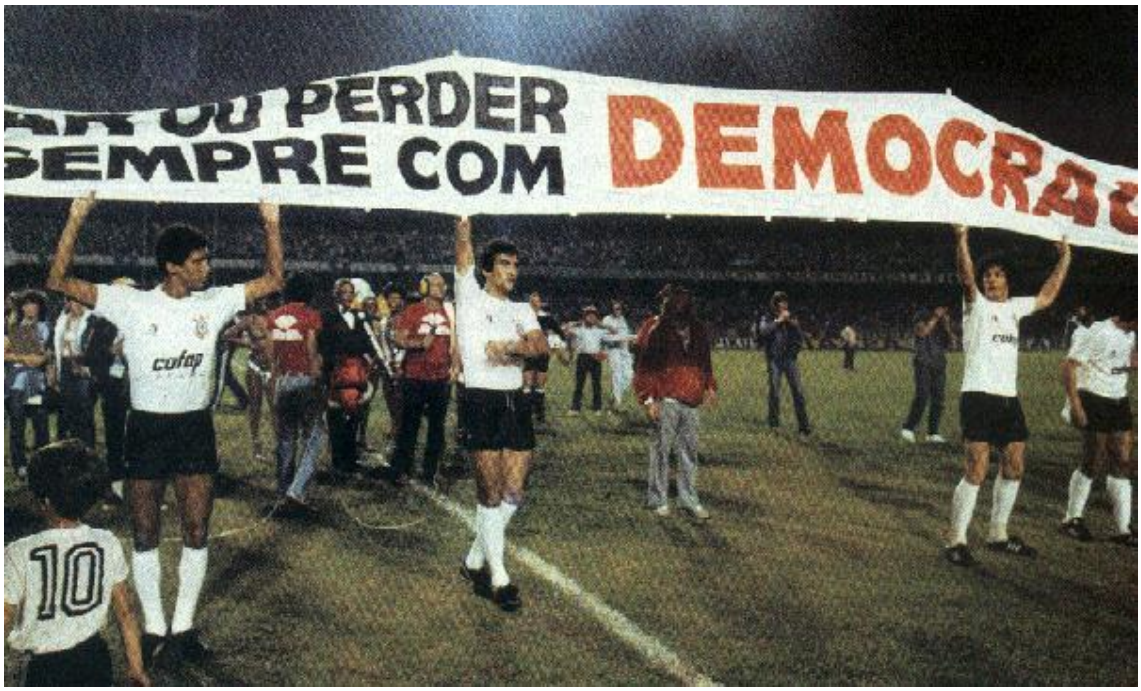
TRECHO 2 – Disputando campeonatos deficitários, cedendo jogadores para times estrangeiros, sofrendo pressões dos dirigentes da CBD e dos governantes, os clubes aproximavam-se de uma situação limite. O futebol não conseguia mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele antecipava as fissuras que se abriam na ditadura.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 151

Discutir com os alunos sobre qual período tratam os trechos, o que era "a Arena", o que quer dizer a expressão em grifo. Procurando, utilizando as perguntas colocadas por todos, reconstruir a história desse período através do futebol. A partir disso, os alunos terão escopo para analisar as fotos da mesma época.

Torcida Gaviões da Fiel, final do Regime Militar

Capa Revista Placar, final da década de 1970 e início de 1980



Jogadores do Corinthians na época da Democracia Corinthiana, final do Regime Militar.
Na faixa: "Ganhar ou perder, sempre com Democracia"

5. Por fim, analisar as práticas no futebol atual usando para isso o artigo de Boris Fausto "A bola murcha". Nele aparecem os problemas atuais em torno do novo modelo de gestão empresarial implantado nos clubes e que faz do futebol mais um dos meios de lucro, deixando para o segundo plano sua faze esportiva, de paixão nacional.

Para o professor seria interessante ler também o artigo de Hilário Franco Júnior, saído em 30 de dezembro de 2007 no O Estado de S. Paulo, "Futebol versus

Sociedade". Não o proponho para a aula, porque é muito grande, demanda muito tempo de leitura, talvez não seja exeqüível.[3]

6. Fechando a seqüência proponho uma reflexão sobre o trecho abaixo, procurando sintetizar as idéias estruturadas durante essas aulas.

> A verdade é que tanto o cidadão quanto o torcedor brasileiro – não apenas em 2006 – têm tendência a depositar suas expectativas (e quando frustrado suas críticas) em individualidades, não em coletividades. A esperança estava em Lula, não em um programa de governo, nos Ronaldos ou no "quadrado mágico", não em um time. Espera-se sucesso de gestos isolados, não de esforço contínuo e planejado. Seja na política ou no futebol, a sociedade brasileira continua esperando um messias que resolva suas dificuldades.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. Companhia das letras, 2007. pp 162.

BIBLIOGRAFIA

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

MÁXIMO, João. "Memórias do futebol brasileiro". In: *Estudos Avançados*, vol.13, nº 37, São Paulo, Sept./Dec. 1999.

WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996

[3] Ambos artigos em anexo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de História

Seqüência de Aulas
História e Futebol e do Futebol

Ensino de História: Teoria e Prática
Profª Antonia Terra
Rosa Rosa de Souza Rosa Gomes
Nº USP 5937543